



"Educação como prática de Liberdade":
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

9041 - Resumo Expandido - Pôster - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT06 - Educação Popular

"Tio, isso vale ponto?!" Reflexões sobre histórias de táticas docentes e discentes sob o império da performatividade

Renato Simões Moreira - UFF - Universidade Federal Fluminense

"TIO, ISSO VALE PONTO?!"

REFLEXÕES SOBRE HISTÓRIAS DE TÁTICAS DOCENTES E DISCENTES SOB O IMPÉRIO DA PERFORMATIVIDADE

Resumo

Tomando a experiência do autor como docente na Educação Básica de redes públicas estadual e municipal, mormente nos anos finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio, em escolas da Zona Norte carioca e da Baixada Fluminense, no estado do Rio de Janeiro, a pesquisa testemunha não só os efeitos negativos da performatividade, característica de uma educação credencialista de cunho neoliberal, mas também as táticas contra-hegemônicas levadas a termo por docentes e discentes oriundos das camadas populares.

Palavras-chave: performatividade, avaliação classificatória, cotidiano escolar.

Que vai ser quando crescer?

Vivem perguntando em redor. Que é ser?

Carlos Drummond de Andrade

"Tio, isso vale ponto?"

Pergunta que qualquer docente já ouviu em algum momento. Talvez, perdendo apenas em frequência para: "É para copiar?"

Duas perguntas que muito dizem sobre o ensino hegemônico em nossas escolas: esta encerra o caráter repetitivo das aulas, com extensas transcrições de conteúdos; e aquela, o aspecto bancário (FREIRE, 2017), que converte o cumprimento de tarefas em poupança de pontos

para “comprar” a promoção ao fim do ano.

Sob a ótica neoliberal, boa escola é aquela que “prepara para o futuro” — um eufemismo vago para ensino credencialista. Convencem-se os docentes de que seu papel é preparar alunos para uma sociedade competitiva e excludente, reafirmando a ideia de *performatividade*, que Ball (2002) define como

uma tecnologia, uma cultura e um modo de regulação que se serve de críticas, comparações e exposições como meio de controlo, atrito e mudança. Os desempenhos (de sujeitos individuais ou organizações) servem como medidas de produtividade e rendimento, ou mostras de “qualidade” ou ainda “momentos” de promoção ou inspeção. (P. 4)

Entre práticas performativas, em busca de pontos em exames, o objetivo da educação formal começa a parecer a promoção ao fim do ano. Assim, torna-se a escola o lugar do credenciamento, o espaço a que irão as crianças para que se possam tornar “alguém”, como se ninguém fossem antes de lá chegarem. “Que professor(a) não se descobriu repetindo este mesmo discurso para seus alunos indisciplinados e desatentos? *‘Não querem estudar; não estudem e vão ver o que vão fazer na vida sem estudo’*” (ARROYO, 2013, p. 104, grifos no original).

O objetivo da pesquisa que ora se desenvolve é investigar, tomando por base minha experiência como professor público das classes populares, a implementação de *táticas* discentes e docentes contra a *performatividade*, característica de uma educação hegemônica de cunho neoliberal, com viés classificatório e hierarquizante. A *tática* não é mero subterfúgio; trata-se de uma ação contra-hegemônica em território inimigo. É a guerrilha que se esgueira à visão daqueles que estabelecem e controlam majoritariamente a regra do jogo. “Tem que utilizar, vigilante, as falhas que as conjunturas particulares vão abrindo na vigilância do poder proprietário. Aí vai caçar. Cria ali surpresas. Consegue estar onde ninguém espera. É a astúcia.” (CERTEAU, 2020, p. 95)

O “poder proprietário”, aqui representado por uma educação pública de corte neoliberal, pertence ao campo da *estratégia*, “o cálculo (ou a manipulação) das relações de forças que se torna possível a partir do momento que um sujeito de querer e poder (uma empresa, um exército, uma cidade, uma instituição científica) pode ser isolado” (ibidem, p. 93). Tal *estratégia* tem como arcabouço a *pedagogia do exame*, “uma pedagogia articulada em função da certificação, descuidando notoriamente dos problemas de formação, processos cognitivos e aprendizagem” (BARRIGA, 2000, p. 62).

Os pontos, a nota ou o conceito são alvos das *performances* escolares. Álvarez Méndez (2002) já alertava que, através dessa ótica instrumental do conhecimento, “só vale ‘aquilo que sai no exame’ — o que não é objecto de exame não tem valor, logo não interessa” (p. 39). Se, com Freire (2011), cremos que se educar é impregnar de sentido cada momento da vida, como podemos pensar em uma educação que nos soa, tantas vezes, vazia de significado? Como esperar que crianças cheias de viva curiosidade — nem sempre disciplinada à ementa bimestral — passivamente aceitem se dedicar a aprendizagens que lhes soam não só herméticas, mas também úteis apenas para a solução de exames escolares? Ou, eventualmente, para ingressar no mundo do trabalho?

Tal argumentação não sugere que o ensino escolar é uma coleção de filigranas cuja utilidade depende de um exame ou das necessidades do mercado de trabalho — falamos do saber socialmente produzido pelas gerações que nos precederam, e que deve ser disponibilizado aos filhos das classes trabalhadoras, se desejamos uma educação transformadora. Contudo, fica a pergunta: se queremos uma escola que potencialize a “luta dos educandos para transformar as

condições de injustiça que os mantêm em sua condição de oprimidos e excluídos” (TORRES CARRILLO, 2013, p. 17-18), como justificamos isso fazendo dela um espaço de exclusão, utilizando currículo e avaliação como ferramentas de superseleção?

Este trabalho nasce da inquietação de anos de docência sob o império da *performatividade*, testemunhando *táticas* de alunos e professores para fazer frente a isso. Decerto há experiências diferentes, que talvez jamais tenham sentido o agulhão das avaliações externas e das metas impostas por políticas públicas de natureza neoliberal, mas relato a partir de meu lugar de atuação. Conforme já escrevera Costa (2007),

Se não contarmos nossas histórias a partir do lugar em que nos encontramos, elas serão narradas desde outros lugares, aprisionando-nos em posições, territórios e significados que poderão comprometer amplamente nossas possibilidades de desconstruir os saberes que justificam o controle, a regulação e o governo das pessoas que não habitam espaços culturais hegemônicos. (P. 92)

Em busca das táticas contra-hegemônicas dos sujeitos da educação popular, esgueiro-me pelo cotidiano, esse “*espaçotempo* do desprezível, do irrelevante, do episódio, do fragmento, da rotina” (ESTEBAN, 2003, p. 127, grifo no original), como o caçador de Ginzburg (1989), tendo como guia seu *paradigma indiciário*. Uma vez que se trata de pesquisa que se determina frente às demandas impostas por *situações-limite* e *inéditos viáveis* (FREIRE, 2017) que me surgem, abraço o conceito de *deriva*, de Maturana — “um curso que se produz, momento a momento, nas interações do sistema e suas circunstâncias” (apud ESTEBAN, 2003, p. 132) —, com o objetivo de decifrar alguma ordem plausível do caos do cotidiano escolar (SARMENTO, 2003). Esse exercício de decifração se apoiará na *hermenêutica gadameriana*, segundo Grün e Costa (2007), na qual pesquisador e objeto “vão se construindo no processo de investigação” (p. 98), de modo a ilustrar como minha interação com o objeto que a mim se desenha nos altera a ambos, na mesma medida em que nos reconstrói e redefine, no *espaçotempo* desta pesquisa.

Os dados sobre os quais me debruço provêm da experiência de dezesseis anos na educação pública estadual e municipal. Tal experiência, ainda que vestida com minhas palavras, é fruto de construções sociais, uma narração sobre como estar com os outros fez de mim eu. “Como mostrou Hannah Arendt, educar alguém é trazer esse alguém (que não estava aí) para uma vida social (que já estava aí)” (VEIGA-NETO, 2006, p. 117). Contudo, assumo na ótica freireana que, muitas vezes, esse “alguém” trazido a essa vida social sou eu, ensinante que aprende com os muitos aprendentes que me ensinam a ensiná-los. “É a ‘outredade’ do ‘não eu’, ou do *tu*, que me faz assumir a radicalidade do meu *eu*.” (FREIRE, 2011, p. 42, grifos no original)

Referências

ÁLVAREZ MÉNDEZ, J. M. *Avaliar para conhecer, examinar para excluir*. Porto: Asa, 2002.

ARROYO, M. G. *Ofício de mestre: imagens e autoimagens*. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

- BALL, S. J. Reformar escolas/reformar professores e os terrores da performatividade. *Revista Portuguesa de Educação*, v. 15, n. 2, 2002. Disponível em: . Acesso em 13 ago. 2013.
- BARRIGA, A. D. Uma polêmica em relação ao exame. In: ESTEBAN, M. T. (org.). *Avaliação: uma prática em busca de novos sentidos*. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000, p. 51-82.
- CERTEAU, M. de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 2020.
- COSTA, M. V. Pesquisa-ação, pesquisa participativa e política cultural de identidade. In: COSTA, M. V. (org.). *Caminhos investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007, p. 91-116.
- ESTEBAN, M. T. Sujeitos singulares e tramas complexas — desafios cotidianos ao estudo e à pesquisa. In: GARCIA, R. L. (org.). *Método; Métodos; Contramétodo*. São Paulo: Cortez, 2003, p. 125-145.
- FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- _____. *Pedagogia do oprimido*. 63. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2017.
- GINZBURG, C. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Schwarcz Ltda., 1989.
- GRÜN, M.; COSTA, M. V. A aventura de retomar a conversação — hermenêutica e pesquisa social. In: COSTA, M. V. (org.). *Caminhos investigativos I: novos olhares: novos olhares na pesquisa em educação*. 32. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007, p. 83-102.
- SARMENTO, M. J. Quotidianos densos — a pesquisa sociológica dos contextos de ação educativa. In: GARCIA, R. L. (org.). *Método; métodos; contramétodo*. São Paulo: Cortez, 2003, p. 91-110.
- TORRES CARRILLO, A. A Educação Popular como prática política e pedagógica emancipadora. In: STRECK, D. R.; ESTEBAN, M. T. (orgs.). *Educação Popular: lugar de*

construção social coletiva. Petrópolis: Vozes, 2013. P. 15-31.

VEIGA-NETO, A. Memórias, tempos, cotidianos. In: GARCIA, R. L.; ZACCUR, E. (orgs.). *Cotidiano e diferentes saberes*. Rio de Janeiro, DP&A, 2006, p. 111-124.